

LEITURA LITERÁRIA E NOVOS SUPORTES TECNOLÓGICOS: MITOS E TENSÕES*

Pedro Borges Pimenta Júnior
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG

RESUMO: O presente artigo pretende discutir mais detidamente a tensão produzida pela utilização dos novos aparatos tecnológicos de leitura literária por um público ainda condicionado ao livro impresso. A partir da abordagem histórica de Roger Chartier e das reflexões sobre a indústria do livro, propostas por Pierre Bourdieu, o artigo chama a atenção para o estranhamento desse leitor com os novos suportes, fenômeno que precisa ser melhor estudado e que não pode ser ignorado, pois toda uma geração de leitores atribui ao suporte impresso grande valor. Some-se a isso o fato de que grande parte das obras mais significativas da literatura ocidental não seria lida de forma satisfatória sem se levar em conta o processo de produção de materiais impressos. Assim, qualquer tentativa de desprezar a cultura do impresso e os modelos de fabricação e criação intelectual do livro empobreceria as iniciativas que visam ao desenvolvimento dos processos de leitura. A partir da revisão bibliográfica empreendida neste trabalho, pretende-se demonstrar como o surgimento de novos suportes contribuiu e contribui para o surgimento de um sistema literário, composto por um público leitor, uma estética literária, um processo de autoria e uma prática cultural próprios.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Leitura. Literatura. Chartier. Bourdieu.

INTRODUÇÃO

Entender como a passagem do texto impresso para a tela modifica a relação entre leitor e suporte é uma preocupação relevante para aqueles que lidam com literatura nas salas de aula e que se debruçam sobre a história do livro e da leitura. Para isso, um ponto de partida pertinente é reconhecer a importância do suporte material nos percursos de leitura do texto, mesmo contrapondo a opinião popular de que ler é um exercício cognitivo pouco ou nada afetado por aspectos sensoriais, como a natureza do suporte.

Pensando nos aparelhos que permitem uma interconexão diferente com o texto literário, alguns supõem, equivocadamente, que o encantamento produzido pela leitura do livro impresso parece dissolver-se na frieza da tela. Para esses, há tantos caminhos íngremes por onde a literatura se esvai que não parece que o velho hábito de ler confortavelmente um romance, reclinado em uma poltrona, numa tarde fria, vá se repetir por muito mais tempo. Pelo menos, seguindo essa linha de pensamento, não como faziam nossos avós, antes da revolução digital.

Essa secreta paixão é tão efêmera que muitos riem desse delírio frente ao livro, não compreendendo as causas de doença tão assintomática e tão grave, da qual nunca se cura. D'Alembert, filósofo francês do século XVIII, denominou-a de bibliomania e descrevia seus sinais num verbete de sua *Encyclopédie*, de 1752, citado por Martha Ribas (2004):

O amor pelos livros, quando não é guiado por um espírito esclarecido, é uma das

*XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online - junho/2017 - <http://evidosol.textolivre.org>

paixões mais ridículas. (...) Em termos gerais, a bibliomania, fora algumas exceções, é como a paixão pelos quadros, pelas curiosidades, por casas; quem os possui não os desfrutam. (D'ALEMBERT *apud* RIBAS, 2004, p. 23)

Talvez, seguindo-se o raciocínio calamitoso dos saudosistas, em um breve futuro não haverá mais espaço para sentimento de paixão tão explícita pelo livro impresso como aquele que nasceu da arrebatadora descoberta feita pela personagem do conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, ao ter nas mãos o instrumento de seu desejo, o livro *Reinações de Narizinho*:

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. (...) Meu peito estava quente, meu coração pensativo. (...) Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

Assim, irremediavelmente contaminados por essa controversa dependência do suporte impresso, muitos leitores sentem-se desamparados pelo iminente desaparecimento desse objeto mágico, masculino e fértil, capaz de produzir, como no conto clariciano “rainhas delicadas” em “êxtase puríssimo” (LISPECTOR, 1998, p. 10). Leitores moldados também pela ressonância dos grandes romances nacionais que, já no século XIX, permitiram a criação de um público e de uma indústria cultural no Brasil, baseados no impresso.

DESENVOLVIMENTO

No ritual da leitura do impresso, a liturgia desse quase culto e os adeptos dessa religião idólatra foram moldando o livro, transformando-o num artefato sagrado, capaz de fertilizar a terra árida do raciocínio, semeando palavras e ideias e, principalmente, vinculando o texto impresso a um modelo de leitura que se tornou arquétipo de intelectualidade e sensibilidade para a sociedade moderna.

Mas, a transformação pela qual os livros passaram no início deste século marca profundamente a relação dos leitores com os textos impressos, especialmente aqueles acostumados a uma prática social de leitura moldada na Europa, ainda no século XVIII, quando a diminuição do tamanho dos livros, a disseminação de jornais impressos e a facilidade de acesso à leitura, permitiram ler ao ar livre, levando os livros, agora menores, a tiracolo. (CHARTIER, 1998; *apud* RIBEIRO, 2005)

Assim, o livro passou a fazer parte da indumentária do homem fino e ilustrado, representando a segregação entre uma população culta e um imenso contingente de analfabetos. Muitos pintores significativos desse século retrataram cenas de mulheres e homens absortos em seus livros, imagens romanceadas que nos chegam como indícios sobre a origem desse ritual tão estranho para alguns.

Ainda no século XVIII, ocorreu no Ocidente o que Chartier (2000) chamou de segunda revolução da leitura, momento em que essa prática cultural foi transformada em necessidade social, atributo de comunidades e indivíduos desenvolvidos. Essa revolução consistia no arrebatamento que a leitura de romances proporcionava, fazendo com que o leitor se identificasse com a obra, formando neles um sentir voluntário e imaterial, capaz de estimular um diálogo com os escritores, mesmo distante, a quem consideravam mentores,

guias.

O pesquisador francês vê nessa transformação mais do que a substituição de uma tecnologia por outra, mas um ponto de mutação na ordem dos discursos, instalada pelo objeto livro. Chartier entende que as formas de leitura que concebemos hoje são o resultado da apropriação do livro pela sociedade, que o tem utilizado, simultaneamente, como “objeto material e uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome de seu autor” (CHARTIER, 2002, p. 22). No entanto, a hegemonia do suporte livro foi abalada severamente pela revolução digital, e, para Chartier:

A originalidade e a importância da revolução digital apoiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o “livro unitário” e está alheio à materialidade do códex. (...) Daí a razão do desassossego dos leitores, que devem transformar seus hábitos e percepções. (CHARTIER, 2002, p. 24)

A partir dessas transformações no suporte, o leitor deixaria de reconhecer nas obras literárias veiculadas em meio digital, os atributos de “estabilidade, singularidade e originalidade” (CHARTIER, 2002) que desde o século XVIII são marcas dos livros, porque, dentro da textualidade eletrônica, as funções de autor e de leitor se alternam e se misturam.

De outra forma, os textos lidos na tela se caracterizam por serem “brandos, ubíquos e palimpsestos” (CHARTIER, 2002), o que significa que o fenômeno da autoria do discurso não seria levado em conta, tornando-se o texto onipresente em todas as telas que o evocarem, podendo ser alterado (ou adulterado) por quem o manipular, até transformar-se em um emaranhado ilegível e disforme.

Neste momento, vive-se um período de transição, pois já se dispõe de um aparato tecnológico capaz de introduzir um novo modelo de leitura e de leitor, aos quais não se chega sem tensões. Sobre tal crise, Chartier entende que:

Pode levar à perda de qualquer referência comum, à separação das identidades, à exacerbação dos particularismos. Pode, inversamente, impor a hegemonia de um modelo cultural único e a destruição, sempre mutiladora, das diversidades. (CHARTIER, 2002, p. 115)

Essa crise não é, portanto, somente maléfica, pois pode também trazer uma nova modalidade de constituição e de comunicação do conhecimento, em que os suportes de textos deixem de ser apenas “o registro de ciências já estabelecidas, mas, igualmente, (...) uma construção coletiva do conhecimento por meio da permuta de saberes, das perícias e das sabedorias.” (CHARTIER, 2002, p. 115 e 116)

Ana Elisa Ribeiro (2005), no entanto, vê com naturalidade a transposição da leitura do livro para a leitura na tela e observa que uma habilidade de se adaptar a novos suportes já se solidificou no leitor moderno, pois esse leitor “que reconfigurou sua relação com o objeto de ler existe há séculos”. Esse mesmo leitor produziu “um ciclo inteligente e versátil, ao qual qualquer ser humano deve estar acostumado” (RIBEIRO, 2005). Esse ciclo implica no surgimento de novos suportes, no ritmo das demandas de leitura. Portanto, cada novo objeto de ler encaminha a uma nova modalidade de leitura.

Descartando o medo de que o leitor rejeite o novo suporte de leitura, Ribeiro (2005) descreve duas práticas de leitura aparentemente conflitantes para os leitores saudosos: o ritual de leitura silencioso e individual e o “sofrido” processo de leitura em meio digital:

A relação estabelecida (durante séculos) entre mãos e papel, o tato e a capa, as

pontas dos dedos, a saliva e as arestas do papel, a página e a numeração, o movimento dos olhos e a forma das letras – a serifa –, a lombada e a estante, o cheiro do papel e a cor amarelada, a traça e o tipo de papel, a posição do corpo e o objeto mínimo que marca a página em que se interrompeu a leitura ... tudo isso ganha *status* de opção e passa a fazer parte de um universo ampliado por uma nova possibilidade: a de ler diante de uma tela que emite luz, mover o texto de maneira indireta (por meio do *mouse* e do teclado), sentir a eletricidade, ouvir os estalos da eletrostática, (...) escutar o ruído leve do computador ligado, a ventoinha que refresca os componentes eletrônicos, desligar o texto da tela e deixá-lo marcado com um marcador virtual. (RIBEIRO, 2005)

A leveza com que se descreve esse intrincado processo de transição faz tudo parecer muito simples e natural. Mas, não é o que parece. Existem obstáculos que tornam essa adaptação questionável, ao menos do ponto de vista dos leitores acostumados com a dinâmica da leitura convencional. Não se trata, tal como se poderia depreender no início deste artigo, de uma apologia à imagem romântica do livro e do leitor. Trata-se de uma reflexão sobre as razões daquilo que se poderia chamar “troca” de um suporte por outro, tão acaloradamente aplaudida ou repudiada em alguns círculos.

A “opção” entre um e outro modelo de leitura, de que trata Ribeiro (2005), se dá nos leitores contemporâneos a partir de que pressupostos? Qual é o papel da escola, grande formadora de leitores, nessa escolha? Existe realmente uma escolha ou opção ou essa substituição é algo inevitável e apocalíptico? Será mesmo livre o leitor para escolher? Sua leitura será realmente libertária?

São as perguntas decorrentes dessa e de outras abordagens. De toda forma, há que se entender, ou ao menos inquirir, que poderio essas novas ferramentas de leitura trarão e em que mãos se concentrará. Bourdieu (1996), pensando em suportes impressos, preocupava-se com esse instrumento de poder que é o livro, ao reconhecer que

Desde que o livro (...) é um poder, o poder sobre o livro é evidentemente um poder. É por isso que as pessoas que são estranhas ao mundo intelectual se espantam de ver como os intelectuais lutam, e com uma violência singular, pelo que para elas, parecem embates triviais. De fato, os embates podem ser de uma importância extrema. O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro. (BOURDIEU, *apud* CHARTIER, 1996, p. 242 – 243)

É possível que essa constatação se adeque a uma nova realidade de leitura, em meio digital, com implicações no novo tipo de leitor que se forma. É bem provável que a própria Literatura seja abalada em sua cidadela de textos impressos, imortais, imutáveis e, junto com ela, muitos princípios da Teoria Literária, principalmente alguns conceitos sobre literariedade, autoria e estilo serão colocados em xeque.

CONCLUSÃO

A transição da leitura de textos literários no suporte livro para a leitura na tela é, portanto, tensa. Requer, por isso, maior atenção dos pesquisadores, sobretudo dos professores, aos quais se atribui a missão de formar leitores. Os desafios que se impõem são atribuídos, em grande parcela, à escola. Entretanto, editoras, autores e empresas de tecnologia da informação têm também o compromisso de produzir os novos suportes, de modo que a paixão pelos livros impressos, “loucura mansa” de pobres bibliomaníacos, dê lugar à paixão pela Literatura.

Assim, um novo *locus* do texto literário poderia ajudar na constituição de um leitor mais racional, nunca menos apaixonado, já que a revolução trazida pela informática permitirá o acesso de um público leitor cada dia maior e mais heterogêneo ao universo da leitura literária. Novos leitores serão transportados para os bosques da ficção ou capturados pelas teias de um soneto, com ou sem o afago costumeiro do livro impresso.

Todavia, a tensão de agora não pode ser ignorada, pois toda uma geração de leitores atribui ao suporte impresso um valor incomensurável. Grande parte das obras mais significativas da literatura ocidental não seria lida de forma satisfatória sem se levar em conta o processo de produção de materiais impressos. Dessa forma,

Assim, qualquer tentativa de desprezar a cultura do impresso e os modelos de fabricação e criação intelectual do livro, empobreceria as iniciativas que visam o desenvolvimento dos processos de leitura literária, bom como a produção de novos aparatos técnicos que dão suporte a uma prática de leitura tão arrebatadora e epifânica quanto aquela da menina do conto de Clarice Lispector.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996

_____. *As revoluções da leitura no ocidente*. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2000.

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

BOURDIEU, Pierre. In: CHARTIER, Roger (org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

RIBAS, Martha (org.). *A paixão pelos livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Ler na tela – Letramento e novos suportes de leitura e escrita*. In: COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa (Org.) *Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.